

autoridade enquanto reconhecida pela Igreja. A autoridade moral aquece os passos, embeleza o caminho, torna o percurso persuasivo, faz-nos mais capazes de sacrifício quando deve ser feito. A autoridade moral é uma santidade, a autoridade é uma tarefa”.³¹

6. Um corolário intrigante: por que Pedro, e não João?

Passo agora para a conclusão. O terceiro destaque, mais que um destaque é uma espécie de dupla provocação ou pergunta. A esta altura se poderia perguntar: por que foi que o próprio Jesus, o Senhor, quis dar esta forma à Igreja, quis que se desse esta polaridade entre carisma e instituição, entre João e Pedro? Resumindo grosseiramente – como meu irmão Pe. Paolo fez, ele que é um estudioso apaixonado do Evangelho de João –: se é verdade que todo o Evangelho de João não faz mais que insistir no fato de João ser o *discípulo amado*, o que mais esteve perto de Jesus nos momentos cruciais, o mais inteligente e profundo e até o mais obediente e dócil ao mestre, por que é que em João 21 Jesus dá a Pedro e não a ele a tarefa de apascentar as ovelhas? Por que Jesus escolheu Pedro, que até o negou, e não João para ser o chefe?

Enfim, deixo-lhes duas perguntas.

Primeira pergunta: por que o Senhor quis que se desse esta tensão irreduzível entre autoridade moral e autoridade, entre carisma e instituição, de modo a não haver um *ponto único* pelo qual passa toda a profecia, toda a graça, toda a ação do Espírito, mesmo havendo um *ponto último* que serve de critério de discernimento?

Segunda pergunta: porque Jesus não escolheu o mais carismático, como João ou Paulo, e sim Pedro para ser esse critério último de discernimento?

Não quero responder agora a essas perguntas. Convido cada um de vocês a refletir a respeito delas. É a maneira como podemos olhar para este momento e para o futuro da nossa companhia.

³¹ L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, Milão: Rizzoli, 2020, p. 249.